



VII ENLIJE

UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE O CLÁSSICO. A ILUSTRAÇÃO COMO UMA FERRAMENTA IMPORTANTE NA NARRATIVA: ANÁLISE DA OBRA *FAUSTO* ESCRITA POR GOETHE E ADAPTADA PARA QUADRINHOS.

Adinatan Silva Santana (autor)

adinatan@hotmail.com, Universidade Federal de Campina Grande

Marta Ramos de Souza (co-autora)

Marta.dark21@gmail.com Universidade Federal de Campina Grande

Isis Milreu (orientadora)

imilreu@gmail.com, Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: O jogo imagético é comum ao homem desde a pré-história, e ao longo dos anos a cultura da imagem retratando o real e o imaginário consolidou-se. No período renascentista e barroco, a transcrição por meio de imagens (óleo sobre tela, afrescos, gravuras, etc) de passagens bíblicas, textos pagãos e da cultura grega foram tão impactantes, que até hoje, obras feitas há mais de setecentos anos atrás, são consideradas como a verdadeira arte. No século XX Salvador Dalí retratou algo diferente do que se costumava ver nos períodos anteriores: o Surrealismo que ilustra o imaginário, o incomum, o irreal. As ilustrações já eram utilizadas em livros antes mesmo da criação da prensa por Gutenberg. Aliás, muitos textos científicos (uns postos como livros de bruxaria) foram escritos e ilustrados manualmente. Com o crescente número de publicações, as ilustrações também ganharam lugar na prensa. Hoje já é comum ter um livro ilustrado, que um livro apenas com texto escrito, Uribe e Delon (1983) afirmam que as ilustrações servem não só como auxiliares do texto escrito, mas em muitos casos, como a própria base narrativa, incentivando uma melhor compreensão da história e auxiliando os leitores iniciais. Conforme defendem as autoras, a ilustração nos livros tem um papel de suma importância para o desenvolvimento e a apreensão da leitura. Algumas vezes a própria ilustração serve como base narrativa, sem que seja necessário o texto escrito. O presente trabalho tem como objetivo analisar as imagens e a maneira como elas foram dispostas na obra *Fausto em quadrinhos*, identificando a importância da ilustração na recriação de uma obra clássica. A versão analisada foi publicada na XI Bienal internacional do livro em Olinda/PE em outubro de 2017 pela editora Peirópolis na coleção *Clássicos em HQ*. Escrita por Leonardo Santana, ilustrada e colorida por Rom Freire e Daniel Ribeiro respectivamente. Conforme os estudos propostos, a ilustração não tem apenas o papel de retratar o que está escrito ou o que quer ser dito, mas sim, abranger as modalidades de percepção do indivíduo de acordo com Uribe e Delon (1983).

Palavras-chave: ilustração, Fausto, adaptação.





Das cavernas para as grandes civilizações, a ilustração antes da escrita:

O jogo imagético é comum ao homem desde a pré-história. O homem, por algum motivo que jamais saberemos, documentou sua rotina nas paredes das cavernas. O ato de contar história, de perpetuar o vivido é tão antigo quanto o homem. O fato de não haver a tecnologia da escrita, não anula a narrativa literária do “homem das cavernas”:

Naquela época distante o homem criou sua primeira forma de arte, que muita gente acha que foi a arte de contar histórias. Ou seja, a literatura. Claro que seria uma literatura oral, já que não existia nenhum sistema de escrita.

Isso faz sentido. Por quê? Pense bem: os habitantes das cavernas evidentemente não tinham livros... É bastante provável que se distraíssem e trocassem informações conversando ao redor de uma fogueira, contando histórias.

Que histórias será que contavam? Coisas do dia – a – dia, da caçada, da luta, do nascimento de um filho. Coisas que inventavam para explicar o que não conseguiam entender: a tempestade, o mar, o vento, as estações do ano. Coisas da vida. (FEIST, 2003, p.12)

Contudo, isso não passa de especulações, pois, como já mencionado o povo pré-histórico não tinha um sistema de escrita que documentasse o que eles realmente queriam mostrar nas gravuras dentro das cavernas. As pinturas rupestres, de acordo com os estudiosos, começaram a serem produzidas a cerca de catorze mil anos antes de Cristo.

Ao longo dos anos, os artistas rupestres foram se aperfeiçoando. A riqueza de detalhes nas expressões de dor, nos movimentos, formas e cores vêm até hoje impressionando a todos.

Seguindo a vertente da discussão sobre sociedades vistas durante muito tempo como primitivas, temos às: Maia, Inca e Asteca. Com a chegada dos espanhóis ao continente (nomeado atualmente como América Latina ou América do Sul), foi exposta ao mundo a vasta riqueza artística dos povos indígenas. FERNANDEZ (2000) mostra em seus estudos o quão grandioso era a quantidade de tribos e comunidades indígenas na região. Entretanto, as três foram as que mais se destacaram em seu nível de complexidade e vanguardismo. Muito se sabe hoje das crenças, dos ritos e dos costumes desses povos por textos escritos por espanhóis, porém, nada é conclusivo se levarmos em conta que um dos meios de conquista é apagar ou distorcer a cultura do outro para impor a sua.





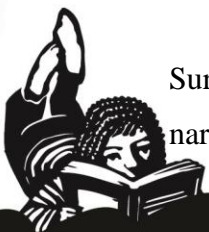
VII ENLIJE

Na formação da história humana podemos mencionar diversas civilizações que mais contribuíram com sua narrativa ilustrada. A civilização egípcia é considerada por muitos pesquisadores a sociedade antiga mais desenvolvida, não apenas por sua arquitetura faraônica, mas principalmente por sua riqueza no que diz respeito à cultura, filosofia, sociologia, construção de utensílios, religião além da arte (pintura e escrita). A arte egípcia data mais de 3000 anos A.C. e está quase que integralmente ligada à religião. As pirâmides eram ornadas com pinturas que representavam a cultura e a vida cotidiana dos faraós, estes, contratavam os artistas para ilustrar os palácios e pirâmides, e o tamanho das imagens era proporcional ao nível hierárquico, ou seja, os faraós eram representados (quase sempre) do mesmo tamanho que as divindades, por serem tidos como tal. Duas outras civilizações que contribuem para o entendimento do homem enquanto ser social pela arte, cultura, esporte, força de combate, ciências que foram contemporâneas, às civilizações grega e romana. Assim como a arte egípcia, a arte grega teve maior ênfase em retratar divindades e culturas. Os gregos priorizavam ilustrar utensílios (jarros, ânforas, tapetes e etc.). Os romanos também contribuíram para a consolidação da ilustração.

O termo fazer arte pode ser entendido como fazer travessura, e para que uma travessura seja bem feita ela necessita de imaginação, criatividade levando o expectador a refletir, a sair de sua zona de conforto. Seguindo esse conceito, uma das expressões artísticas mais conhecidas da civilização romana foram os afrescos dos banhos públicos e bordéis da cidade de Pompéia, na figura a seguir veremos exemplificada uma ilustração da arte romana.

Como já explanamos anteriormente a ilustração e a religião tiveram ligação no período datado antes de cristo. Na idade média houve a consolidação da ilustração religiosa cristã na sociedade. No período renascentista e barroco, a transcrição por meio de imagens (óleo sobre tela, afrescos, gravuras, etc.) de passagens bíblicas, textos pagãos e da cultura grega foram tão impactantes, que até hoje, obras feitas mais de sete séculos atrás, são consideradas a verdadeira arte pelo senso comum. Lopes (2007) em linhas gerais afirma que a igreja medieval e seus símbolos foram à grande inspiração para os pintores da época, muito se remetia ao século XVI, nos temas, porém ao passar dos anos a força dessa temática foi se abrandando e mesclando com outros temas. Ao adentrarmos na ilustração narrativa dos séculos cristãos não podemos eximir a grande revolução que foi a literatura.

No século XX Salvador Dalí retratou algo diferente do que se costumava ver antes: o Surrealismo que ilustra o imaginário, o incomum, o irreal. Esse mesmo Surrealismo foi narrado em contos orais e escritos. Como já vimos o imaginário, o fantasioso habita na psique





VII ENLIJE

humana. Tratando de uma forma mais real e humanista, todas as religiões partiram do imaginário do homem, histórias fantásticas com indivíduos híbridos, homens com poderes sobrenaturais, etc. Tudo isso caracteriza o Surreal, e com tudo o que a história da ilustração nos mostra poderíamos determinar de maneira ampla e desprendida de religiosidade que todas as civilizações citadas foi Surrealistas.

Os textos escritos construíram uma relação com as imagens, as ilustrações já eram utilizadas em livros antes mesmo da criação da prensa por Gutenberg no século XV. Aliás, muitos textos científicos (uns postos como livros de bruxaria) foram escritos e ilustrados manualmente. Com o crescente número de publicações, podemos ver que as ilustrações também ganharam lugar na prensa, não apenas nas capas, mas também no copo do livro. Hoje é tão comum ter um livro que mescle texto e ilustração, que um livro apenas com texto escrito.

A ilustração moderna e contemporânea:

A ilustração moderna tem sua “área de atuação” primordial na propaganda. Com a revolução industrial, a ampliação do mercado áudio visual ganhou força, e todas as empresas se viram obrigadas a ter um logo. No século XX também houve uma grande inovação no que nos referimos à ilustração narrativa, o surgimento dos quadrinhos, mangás e graphic novel. Três modalidades de ilustração que seguem o mesmo padrão, onde há a imagem acompanhada por balões com textos.

O que faz com que esses três gêneros narrativos sejam de extrema importância, é o fato de eles poderem abranger diversas áreas do cotidiano ou do imaginário. Um mangá que ficou bastante conhecido foi “Gen – pés descalços”, escrito por Keiji Nakazawa de 1973 a 1985, que basicamente relata a vida de Gen, um garoto de seis anos que após a destruição de Hiroshima pela bomba atômica se ver obrigado a sobreviver juntamente com outros sobreviventes. Entre os quadrinhos temos quiçá o de maior relevância no Brasil foi: “A turma da Mônica” de Mauricio de Souza. E os Graphics Novel são basicamente uma espécie de releitura de quadrinhos.

A ilustração é importante:

Será nos dias atuais esse questionamento ainda é pertinente? Nossa proposta é mostrar que sim, a ilustração é muito importante em diversos contextos da literatura. No entanto, este estudo não está voltado a um contexto tão generalizado, mas sim para mensurar a importância





da ilustração dentro da narrativa. Nikolajeva e Scott (2001, p. 157) corroboram com nossa afirmação:

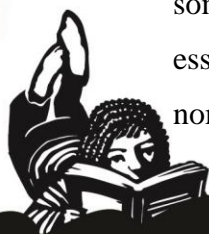
Entretanto, as imagens têm seus próprios meios de expressão. Por exemplo, um personagem que olha diretamente da ilustração para o leitor/espectador pode ser aprendido como um narrador visual “intruso”. O uso de espelhos pode colocar a perspectiva em primeira pessoa, comparável a um autorretrato na pintura. Ao colocar os personagens abaixo do nível do olhar do espectador, a ilustração cria um sentido de posição narrativa superior, assim por diante.” (NIKOLAJEVA, SCOTT, 2001, p. 157)

Como trazem as autoras, a ilustração dispõe de recursos infinitos para prender a atenção do leitor, e enriquecer a narrativa adicionando recursos ao texto verbal. Como foi mostrado anteriormente, o homem vem desde os primórdios se utilizando de diversos meios imagéticos para contar sua história e após o surgimento da escrita eles não foram excluídos, ao contrário, eles foram devidamente incorporados à escrita.

Não é possível afirmar que foi exatamente neste momento que surgiram os primeiros livros ilustrados, porém a partir desta incorporação o homem passou a utilizar o recurso não verbal como um complemento à sua narração, até que fossem publicados os primeiros livros somente ilustrados sem a utilização de texto verbal ou narrativa escrita, exigindo assim do seu leitor uma ampla interpretação do que o autor se propunha a dizer.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as imagens e a maneira como elas foram dispostas em *Fausto em quadrinhos*, identificando a importância da ilustração na recriação de uma obra clássica. A versão analisada foi publicada na XI Bienal internacional do livro em Olinda/PE em outubro de 2017 pela editora Peirópolis na coleção: Clássicos em HQ. Escrita por Leonardo Santana, ilustrada e colorida por Ron Freire e Daniel Ribeiro respectivamente. De acordo com os estudos de Uribe e Delon (1983) a ilustração não tem apenas o papel de retratar o que está escrito ou o que quer ser dito, mas sim, abranger as modalidades de percepção do indivíduo.

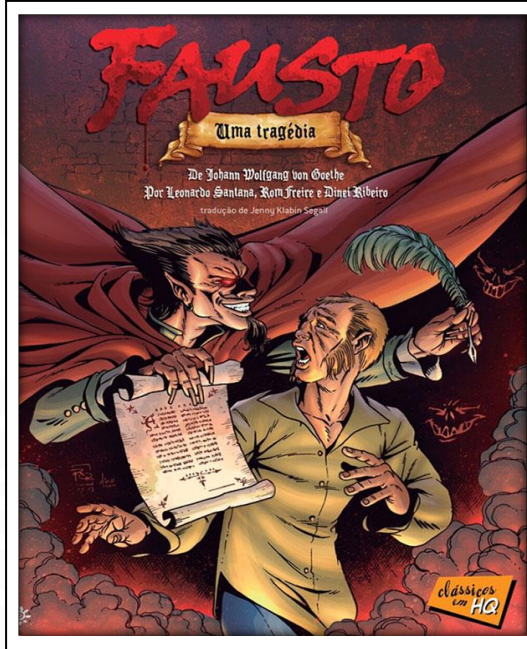
Como podemos observar na imagem seguinte, a intenção dos criadores é narrar a história simplesmente pelo desenho. Temos a capa do livro ilustrada com Mefistófeles com uma caneta de pena em umas das mãos e na outra o contrato, ele está em uma tonalidade sombria e tem um sorriso maldoso, em baixo de sua capa há duas criaturas demoníacas, todo esse clima envolve Fausto, que claramente se mostra surpreso e assustado, a disposição do nome Fausto em um vermelho carmim passando a visão de sangue e escorrendo





letra A, o excesso de sombreado e a fumaça envolvente, tudo isso já nos mostra o teor sombria da narrativa.

FIGURA 1.



O intuito desse estudo não é a análise da obra original e todas as suas discussões, pois já foi amplamente analisada ao longo dos anos, o que propomos a analisar é justamente a narrativa ilustrada. Em entrevista o ilustrador Rom Freire disse:

[...] o Léo Santana me enviou várias imagens de referencia que ele achou na internet. Nelas, Fausto sempre é retratado como um senhor de longas barbas, então, seguindo a orientação do Santana, tentei me afastar ao máximo dessa personificação, para evitar o clichê. Então desenhei o bom doutor como um senhor alto e imponente, mas com o rosto marcado pelas rugas e longas costeletas. Disponível em: <https://www.editorapeiropolis.com.br/arquivos/classicosemhq.pdf>.> acesso em: 20 out. 2018.

Como podemos observar em um fragmento de entrevista, o ilustrador Rom Freire afirma que teve como contra referências as imagens dispostas na internet.

A releitura do clássico, analisando Fausto em quadrinhos:

Muitos clássicos da literatura mundial foram adaptados para cinema, teatro, animações, quadrinhos, poemas etc. A obra que centra esta pesquisa se trata de uma adaptação de um clássico para os quadrinhos, sendo assim, está inserida em uma determinada categoria por isso deve ser alisada e julgada dentro do nível.





VII ENLIJE

Fausto de Johann Wolfgang Von Goethe (1772 a 1832) é mesmo uma obra singular que leva o leitor a questionar-se todo o tempo pelo seu teor religioso (o divino x o diabólico) e refletir sobre a vida. Tem uma leitura complicada porque apresenta uma linguagem muito complexa, que exige do leitor uma entrega muito grande ao enredo. Não menos que isso sua adaptação faz uso de forma muito assertiva da interação entre imagem e palavra, propondo ao leitor um jogo de visual e verbal muito instigante.

O mito de “Fausto” foi inspirado em um ser real, embora o que se sabe é que a história do verdadeiro Fausto era apenas especulações da sociedade da época, narrada por Goethe (1772 a 183) recriou a narrativa dando um ar de misticismo mais acentuado. Doutor Fausto, um homem temente a Deus, se vê condicionado a assinar um contrato com Mefistófeles vendendo sua alma em troca do conhecimento do mundo. A vida do Dr. Fausto faz com que reflitamos sobre nossas ações, sobre o que é importante e nossa gana por muitas vezes sem escrúpulos por um ideal.

As releituras servem para alcançar outro nicho ou para por em foco novamente um clássico. Os quadrinhos e afins seguem uma estrutura e enredo semelhantes, e seu público é bastante específico (crianças, adolescentes e jovens). Os quadrinhos são conhecidos basicamente pelos HQs (quadrinhos de heróis), ou seja, histórias em que o universo dos personagens é bastante peculiar. Várias novelas e romances ganharam sua adaptação para quadrinhos como o “entrevista com o vampiro” da coletânea crônicas vampirescas de Anne Rice (1976) e “A metamorfose” de Franz Kafka (1915).

A parceria entre o ilustrador Rom Freire e o colorista Daniel Ribeiro em “Fausto em quadrinhos” foi de suma importância, já que a atmosfera sombria das imagens necessita uma coloração condizente. Em muitas culturas as cores têm um significado, e, ele muda de uma para a outra. Por exemplo: na cultura egípcia o preto significa morte, o branco a verdade, o vermelho a energia, o amarelo a eternidade, o verde a regeneração e o azul simbolizava o rio Nilo. Para Lorca o verde simbolizava a morte e para alguns escritores latinos o vermelho simboliza a luta, por isso as tonalidades se mostram únicas e intencionais como podemos observar na figura seguinte, a intencionalidade dos autores em mostrar ao leitor o clima e o sentimento do doutor Fausto ao se indagar sobre a vida.





FIGURA 2.



Sabemos da importância das cores, contudo não focaremos em cada uma delas, e sim nas cartelas utilizadas por Ribeiro. O colorista utiliza a paleta quente, a fria e a neutra. Na paleta quente composta basicamente de vermelho e alaranjado, ele usa bastante o preto para realçar as cores utilizadas. Essa paleta aparece sempre em que o doutor Fausto está envolvido com o obscuro, também em quase todas as cenas em que Mefistófeles aparece. A fria que é composta por azul e tons acinzentados é o oposto da primeira, vemos no prologo do céu e em outras cenas que o divino é retomado. O branco é sempre utilizado para dar protagonismo a ela, representando pureza e divindade. A última paleta é mais neutra, composta de tons pastéis dando uma neutralidade para essas passagens da obra, basicamente composta de amarelo e marrom, remetem as cenas na rua onde personagens de segundo plano são visíveis.

FIGURA 3.





VII ENLIJE

Entende-se como ilustração narrativa, no momento em que não são necessários os balões de diálogo para fazer entender o enredo, quando pode está em outro idioma e mesmo assim se entende toda a trama, e foi isso que ocorreu nessa obra. As ilustrações e a cartela de cores utilizadas fazem com que mesmo se o livro estivesse escrita em outro idioma que não fosse o português brasileiro entenderíamos, vemos um homem com um semblante cansado, que vivi uma vida sem muitas expectativas e temos uma criatura sombria que lhe espreita, além de um diálogo entre as divindades, ou seja, um texto autoexplicativo. Normalmente para entender uma obra ilustrada sem precisar ler os textos escritos é necessário um nível de inferência altíssimo, porém com esse trabalho não é tão necessário. A alta qualidade dos traços, a quantidade de detalhes e as cores servem como único modo de narrativa, dispensando os balões de diálogo.

Embora o livro seja Fausto em quadrinhos, o estilo dos traços não segue o padrão das HQs, como por exemplo: Marvel, DC, Turma da Mônica e Disney. Os traços muito se assemelham ao estilo novel, um tipo de tracejado mais detalhado, o que também se assemelha ao gênero Mangá.

Todos os personagens e figurantes seguem um padrão de arte de alta qualidade o que dá ao leitor uma experiência sem igual. Outro papel das cores foi dar movimento às figuras, seja nas expressões corporais ou faciais. O sombreado e iluminação são técnicas utilizadas por muitos artistas plásticos para expressar profundidade e movimento, e essa ferramenta foi utilizada de maneira espetacular na composição da obra.

Algo que foi inovador para o livro, pelo fato de ser posta no gênero quadrinho, foi a disposição das imagens. Foram feitas imagens que transpassam os quadros, característica do gênero visual novel e mangá, o que significa que os gêneros evoluem adequando-se aos novos leitores.

Palavras finais:

De fato a literatura está passando por uma revolução, e ao oposto que muitos afirmam não é na qualidade da escrita, vemos obras magníficas que sempre estão sendo publicadas, anos após anos. Um dos motivos para muitos acharem que obras infanto-juvenis têm uma qualidade questionável é a forma simplificada da escrita ou temática fantasiosa, conseguimos com esse trabalho exemplificar como a literatura está se reinventando ao longo dos anos.





VII ENLIJE

Uma ilustração vai além de um desenho sobre algo; a imagem é significativa; ela é o ato de narrar um fato sem que seja necessário o texto escrito. Sua composição na narrativa é pensada, planejada e executada de maneira a fazer o leitor refletir sobre o que está diante de si, é algo carregado de significados, sejam eles místicos, políticos ou sociais.

Durante anos a ilustração estava relacionada à infantilidade, o que nos levou a refletir sobre o tema até a composição desse estudo. Se os textos iniciais foram feitos com figuras e se a escrita deriva das mesmas, por qual motivo ainda pensamos que as gravuras, figuras, desenhos e imagens são irrelevantes para a vida adulta enquanto texto narrativo? Talvez pela perda da visão criativa quando nos tornamos adultos.

Tentamos com esse estudo analisar uma pequena amostra do que é ilustração narrativa, fizemos uma passagem pela história da arte ilustrada e suas ramificações, com o intuito de refletir sobre imagem e literatura nas releituras dos clássicos, de maneira a alcançar novos leitores.





VII ENLIJE

Referências:

LOPES. Rui Oliveira, A idéia de Natureza na Arte Chinesa da Pintura de Paisagem à Arquitetura de Jardim. Quaresma, Universidade de Lisboa, 2009, p. 248-267. Disponível em:

<[Lopes, R. O. \(2009\) A ideia de Natureza na arte Chinesa. Da pintura de paisagem à arquitectura de jardim \(The idea of Nature in Chinese art. From landscape painting to gardens architecture\). In J. Quaresma \(Ed.\) Art and Nature \(pp. 248–267\). Lisbon: Faculty of Fine Arts University of Lisbon.](#)> acesso em 21 set. 2018.

LOPES. Rui Oliveira. A função da Imagem Artística Segundo a Tradição Medieval da Igreja e a Prática da Pintura Portuguesa do Renascimento. Universidade de Lisboa, 2007, P. 35-52.

Disponível em: <[Lopes, R. O. \(2007\) A função da imagem artística segundo a tradição medieval da igreja e a prática da pintura Portuguesa do Renascimento \(The function of artistic imagery according to the traditions of medieval Church and the practice in Portuguese Renaissance painting\). ArteTeoria. 9, 35–52.](#)> > acesso em 21 set. 2018.

LOPES. Rui Oliveira. Fundamentos da Imagem Cristã. Em Torno de Uma Conceptualização e uso da Imagem na Arte Ocidental, Universidade de Lisboa, 2006, P. 207-216. Disponível em:

<[Lopes, R. O. \(2006\) Fundamentos da imagem cristã. Em torno de uma conceptualização e uso da imagem na arte ocidental \(The meaning of Christian image. On the conceptualization and the uses of image in Western art\) Artis. Faculty of Letters, Lisbon University, 5, 207–216.](#)> acesso em 21 set. 2018.

_____ HISTÓRIA DA ARTE CHINESA. Artigo disponível em:
<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/a-historia-da-arte-chinesa/49856> > acesso: 03 set. 2018.

_____ ESCRITA HIEROGLÍFICA MAIA. Artigo disponível em:
<<https://ancientamerindia.wordpress.com/2015/08/03/a-escrita-hieroglifica-maia/>> acesso: 03 set. 2018.

_____ TEMPO AMERÍNDIO. Artigo disponível em:
<<https://ancientamerindia.wordpress.com/author/tempoamerindio/page/2/> > acesso: 03 set. 2018.

_____ CÓDIGO ESCRITO. Artigo disponível em:
<<http://www.anep.edu.uy/prolee/index.php/glosario/198-codigo-escrito> > acesso: 04 set. 2018.

_____ ARTE EGÍPCIA. Artigo disponível em:
<<https://www.todamateria.com.br/arte-egipcia/>> acesso: 05 set. 2018.

_____ ITÁLIA – ROMA – IMAGENS DA CIDADE DE POMPEIA. Artigo disponível em:
<<http://pu3yka.com.br/Paises/imagens/italia/roma/pompeia/pompeia.htm>> acesso: 03 set. 2018.





VII ENLIJE

FITTIPALDI, Cíça. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, Ieda de. **Com a palavra o ilustrador**. São Paulo: Difusão Cultura do Livro, 2008. P. 93 – 121.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. In: OLIVEIRA, Ieda de. **Com a palavra o ilustrador**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008. P. 123 – 139.

FEIST, Hildegard. **Pequena viagem pelo mundo da arte**. 3ª edição. São Paulo: Moderna, 2003.

NIKOLEJAVA, SCOTT. Maria Nikolajeva, Carole Scott. **Livro Ilustrado: Palavras e Imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GOETH, Yohann. **Fausto em quadrinhos: uma tragédia**. Traduzido por: SEGALL, Jenny Klabin. SANTANA, Leonardo; FREIRE, Rom; RIBEIRO, Dinei. Olinda: Peirópolis, 2017.

